 Tempo de leitura: 6 min.

Salesiano filipino, P. Ding conta sua vocação missionária e a vida da missão salesiana no sul da Argentina, entre escolas, paróquias e bairros pobres. Das Filipinas às periferias de Buenos Aires

Desde 1875, quando a primeira expedição enviada por Dom Bosco chegou a Buenos Aires, a Argentina nunca deixou de acolher missionários salesianos. No início, eram italianos; depois, floresceram as vocações locais, mas ainda hoje há quem deixe sua terra para servir os jovens deste país. É o caso do padre José Armando Cortez, conhecido por todos como «Ding», salesiano filipino que encontramos alguns anos atrás, no começo de sua experiência missionária. Hoje, ele relembra sua vocação, as três missões que lhe permitiram conhecer diferentes rostos da missão salesiana e os desafios que aguardam os salesianos na Argentina.

O chamado no oratório

Sou o P. José Armando Cortez, mas todos me chamam de Ding. Venho das Filipinas e sou missionário na Argentina: atualmente estou na obra Dom Bosco Itatí, na Inspetoria Argentina Sul, sediada em Buenos Aires.

Descobri minha vocação durante os anos que passei no Oratório Dom Bosco, nas Filipinas. Cresci ao lado de muitos salesianos que, todos os sábados e domingos, trabalhavam, brincavam e rezavam conosco, os jovens. Senti o “chamado” em 1988, durante as celebrações do centenário da morte de Dom Bosco. Acompanhado pelo diretor do oratório, P. João Cabrido, que admiro muito, e pelo assistente da época, Manuel Domingo, hoje sacerdote, decidi tentar entrar no seminário. O resto é história.

O que mais me atraiu foi a presença constante dos salesianos e seu empenho em ajudar a mim e a meus companheiros a crescer e amadurecer como pessoas. No oratório, estávamos sempre ocupados e felizes: sentíamo-nos em família. Foi isso que me levou a responder ao chamado e a seguir o exemplo dos salesianos de Dom

Bosco.

As lágrimas em Papua-Nova Guiné

Comecei a refletir seriamente sobre a vocação missionária quando participei, em Papua-Nova Guiné, da ordenação episcopal de Dom Pedro Baquero, salesiano. Eu tinha acabado de ser nomeado delegado inspetorial para a animação missionária e, nessa função, representava o inspetor. Não sei o que aconteceu, mas, quando as pessoas começaram a cantar em *tok pisin* (língua pidgin), um idioma que eu não entendia, meus olhos se encheram de lágrimas, que não pararam durante toda a celebração. Era como se Deus me dissesse: «Estou aqui, estou aqui».

Rezei por muito tempo, conversei com meu diretor espiritual e pedi conselho a alguns irmãos salesianos e amigos. O discernimento durou quatro anos; no fim, escrevi ao Reitor-Mor e, pela graça de Deus, meu pedido foi aceito.

Partir sem escolher o destino

O P. Václav Klement, que foi conselheiro-geral para as Missões, havia me explicado que quem pede para partir não deve indicar na carta o país desejado: a escolha cabe ao Reitor-Mor. Segui seu conselho. Depois de algumas semanas de espera, o P. Alfred Maravilla, então conselheiro-geral para as Missões, comunicou-me que o Reitor-Mor estava me enviando à Patagônia, na Argentina.

Confiei plenamente aos superiores o discernimento sobre meu destino. Uma coisa eu sei: Deus me pede que lhe dedique mais um pouco da minha vida. Quanto ao lugar, deixo a escolha à sua graça.

A preparação e o desafio da língua

Preparei-me para as missões apenas com os quatro anos como delegado para a animação missionária da minha Inspetoria e com o curso para novos missionários na Itália, mais curto do que o habitual por causa da pandemia. Essa preparação poderia ser enriquecida com uma experiência prévia de cerca de um ano no país de

destino, para conhecer de fato os irmãos salesianos, a cultura e o contexto, sem se limitar às aulas teóricas do curso: sei que o Setor para as Missões está refletindo e trabalhando nessa direção. A língua, em particular, é uma questão decisiva: pode determinar o sucesso ou o fracasso de um missionário. Mais tempo e uma imersão maior na língua e na cultura antes da partida seriam de grande ajuda.

Três missões, três rostos da missão salesiana

Na Argentina, recebi três missões, que me permitiram conhecer três realidades diferentes. Em La Boca, em Buenos Aires, dediquei-me principalmente ao apostolado na escola e um pouco à vida paroquial. Foi minha primeira missão: um período de formação, imerso na realidade da capital, e também uma fase para me acostumar ao clima, à comida e ao jeito de fazer as coisas.

Em Villa Regina, na província de Río Negro, na Patagônia, conheci a vida paroquial e uma cultura diferente da cultura urbana de Buenos Aires. Lá aprendi muito sobre como lidar com as situações e trabalhar com as pessoas.

Agora, na Obra Don Bosco Itatí, trabalhamos principalmente com os pobres das *villas*, os bairros informais das periferias. Aos poucos, estou conhecendo mais de perto as realidades mais duras: a pobreza, as drogas e a difícil situação de quem vive à margem da cidade, que afeta tão duramente os jovens.

Pároco depois de três anos

O ano passado foi exigente: embora estivesse na Argentina havia apenas três anos e mal conseguisse me expressar em espanhol, fui nomeado pároco. A maior dificuldade foi a comunicação. Parecia-me cedo demais confiar um papel de liderança a um missionário recém-chegado.

Luzes e sombras

A Inspetoria Argentina Sul (ARS) é cheia de vida: os irmãos salesianos são incansáveis e estão presentes na maioria de nossas obras, vivem com grande

simplicidade e a vida comunitária é muito forte. O ponto negativo é que há poucas vocações à vida salesiana consagrada. Tenho a impressão de que nós, salesianos, não apresentamos de modo suficientemente explícito a vocação salesiana aos jovens que servimos com tanta dedicação, criatividade e alegria.

O país atravessa uma crise profunda. A economia está em sérias dificuldades, e isso pesa sobre todos: as preocupações e as dificuldades dos pobres também entram em nossas conversas e em nossas orações.

Outra realidade que me marcou foi a forte secularização. Quando eu ensinava catequese aos alunos do terceiro ano do ensino médio em Villa Regina, fiquei surpreso com quantos se declaravam ateus ou não crentes. Muitos jovens ficam do lado de fora dos muros da igreja, mas participam de bom grado de atividades religiosas. A maioria das pessoas se diz católica ou crente, mas não pratica a fé.

Acolhimento e diferenças

Os salesianos argentinos são muito acolhedores: o único obstáculo real à integração dos missionários é a língua. Houve algumas dificuldades por causa das diferenças de personalidade, mas, de modo geral, senti-me bem tratado e acompanhado. As pessoas também me acolheram, embora de maneiras diferentes conforme o lugar. Em Buenos Aires, a cultura é mais aberta, graças à grande variedade de pessoas e culturas presentes na cidade; na Patagônia, é um pouco mais fechada, talvez pela baixa densidade populacional e pela concentração de alguns grupos étnicos em determinadas províncias. No interior, além disso, as pessoas me parecem mais religiosas e ligadas às tradições do que na cidade.

Refletir juntos sobre a experiência

Neste ano, tive o privilégio de participar, em Montevidéu, no Uruguai, do encontro formativo para os missionários salesianos enviados nos últimos anos ao continente americano. Encontrar os irmãos salesianos mais jovens me fez valorizar a generosidade dos salesianos do mundo inteiro. Compreendo bem as dificuldades que enfrentam com a cultura e a língua, porque também passei por isso nos meus primeiros anos.

Aproveitei os momentos de silêncio e de oração pessoal para refletir sobre minha experiência, com seus momentos positivos e suas dificuldades. Também procurei compartilhá-la com os outros missionários, para que pudessem aprender algo com ela, e ouvi suas histórias, que foram uma fonte de inspiração para mim.

Lembro que, no meu terceiro ano, pude participar do curso de inculturação realizado em Córdoba com os claretianos. Foi para mim um profundo encontro espiritual: ofereceu-me um espaço para compartilhar e reelaborar minha experiência – também em inglês – com missionários de outras congregações. Conheci as diferentes realidades e culturas da Argentina, e isso me ajudou a dar sentido ao que eu sentia em Buenos Aires e em Río Negro. Em Montevidéu, vi o mesmo efeito nos novos missionários, que puderam expressar os desafios relacionados à cultura, à vida com os irmãos salesianos e às próprias lutas interiores. Foi-nos oferecido um espaço para expressar o que trazemos dentro de nós e reelaborá-lo com serenidade, na oração e na fraternidade.

Os desafios de amanhã

Na minha opinião, a crescente secularização e a inteligência artificial são os desafios que aguardam os missionários salesianos na Argentina e, acredito, no mundo inteiro. Também será um desafio despertar nos jovens, e até mesmo em nossos irmãos salesianos, o desejo de se tornarem missionários.

A todos os leitores do Boletim Salesiano OnLine: obrigado pelo tempo que dedicam às nossas jornadas de fé, enquanto respondemos todos os dias ao chamado da missão! Que o coração de vocês também se abra ao chamado de Deus para serem missionários à sua maneira, e que sua vida seja um caminho que os leve a servir os outros, especialmente os pobres, e a encontrar o Deus que nos ama com amor eterno. Que Deus os abençoe sempre!

Marco Fulgaro